



Mídia e relações de gênero nas publicações feministas¹

Lírian SIFUENTES²
Bruna Rocha SILVEIRA³
Janaína Cruz de OLIVEIRA⁴

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

RESUMO

Este trabalho busca identificar a presença da problemática *mídia e relações de gênero* nos periódicos feministas *Cadernos Pagu* e *Revista Estudos Feministas*, realizando um levantamento dos artigos publicados no período de 2001 a 2009. Pesquisas, no campo da Comunicação, em que se diagnosticou que a temática das relações de gênero pouco se faz presente na área, conformaram nossa hipótese inicial de que há carência desse cruzamento. Essa pressuposição foi confirmada, uma vez que encontramos poucos estudos que demonstraram preocupação com a articulação entre mídia e feminismo nas publicações consideradas.

PALAVRAS-CHAVE: mídia e gênero; publicações feministas; mapeamento

1. Considerações iniciais

A preocupação em estudar o gênero como uma categoria analítica e teórica tem início na última metade do século XX, mais especificamente na década de 1960, com o chamado “Novo Feminismo”, que conquistou espaço nos países de capitalismo avançado (FRANCHETTO; CAVALCANTI; HEILBORN, 1981). As feministas organizaram-se no período pós-guerra em um movimento que buscava transformar as relações entre homens e mulheres e “construir uma nova identidade capaz de definir sua posição na sociedade e, ao fazê-lo, de buscar a transformação de toda a estrutura social” (CASTELLS, 2000, p. 24).

O movimento feminista e os estudos sobre gênero⁵ desenvolveram-se paralelamente, e, mais do que isso, grande parte das feministas são estudiosas que pesquisam a opressão feminina e, concomitantemente, reivindicam uma transformação

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania, X Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em Comunicação Social da PUCRS. Bolsista Capes. Mestre em Comunicação Midiática pela UFSM. E-mail: lisifuentes@yahoo.com.br.

³ Mestranda em Comunicação Social da PUCRS. Bolsista CNPq. E-mail: bruna.rochasilveira@gmail.com.

⁴ Mestranda em Comunicação Social da PUCRS. Bolsista Capes. E-mail: janaina.cruzdeoliveira@gmail.com.

⁵ Apesar da discussão acerca da denominação estudos *feministas*, *de relações de gênero* ou *de mulheres* (GROSSI, 2004), iremos usar as expressões indistintamente.



na posição da mulher na sociedade. Atualmente, contudo, muitas pesquisadoras das relações de gênero buscam se desvincular da imagem de militantes (GROSSI, 2004).

Na Comunicação as relações de gênero são pouco problematizadas e ainda carecemos de estudos que articulem as duas temáticas (ESCOSTEGUY, 1998; 2002; 2008; JACKS; MENEZES; PIEDRAS, 2008; MEIRELLES, 2009; SIFUENTES, 2010). Mesmo objetos como a telenovela, programa considerado predominantemente feminino, não têm merecido uma problematização à luz dos debates sobre as relações de gênero, com raras exceções. Nesses estudos, especificamente aqueles que focam na recepção da telenovela, as mulheres costumam ser as principais informantes, todavia, como destaca Escosteguy (2002), são consideradas apenas como uma variável sociodemográfica, não sendo seu aparecimento nas pesquisas sinônimo da problematização das relações de gênero.

Tomando os Estudos Culturais como referência para comparações entre as pesquisas brasileiras e as internacionais, notamos que os estudos feministas anglo-americanos iniciaram na década de 1970, consolidando-se nos anos 1980 e permanecendo como um campo notável de estudos. Mesmo que tal linha tenha se desenvolvido posteriormente na América Latina, desde a década de 1980 é adotada em larga medida por aqui. Porém, até hoje, não se percebe uma maturidade no cruzamento entre esses dois temas – gênero e mídia – nas pesquisas desenvolvidas dentro do enquadramento dos Estudos Culturais no Brasil.

Nos anos 2000, esse quadro passa a apresentar modificações e percebe-se, mais recentemente, um desenvolvimento desses estudos, o que pode ser verificado no número de trabalhos apresentados em congressos, publicações e dissertações e teses de Comunicação. Entre 1992 e 1999, das 1589 teses e dissertações defendidas em programas de pós-graduação em Comunicação, apenas 29 foram classificadas como estudos de gênero e comunicação. Já no período de 2000 a 2002, em apenas três anos, o número de trabalhos defendidos foi de 1665, sendo 36 abordando gênero.

Se analisarmos esses números em termos de porcentagem, no entanto, a evolução não foi tão significativa. No levantamento da década de 1990, os estudos de gênero nos programas de Comunicação representavam 1,82%, e nos três primeiros anos da década de 2000, constituíam 2,16%. Em números absolutos, no entanto, significam um aumento real de pessoas estudando a temática e colaborando para sua compreensão.

Com esse contexto em vista, buscamos, com este trabalho, identificar o que está sendo apresentado sobre a pesquisa da mídia nas publicações feministas brasileiras.



Focamos nossa investigação nos Cadernos Pagu e na Revista Estudos Feministas, as duas publicações feministas há mais tempo em circulação no Brasil. A Revista Estudos Feministas produziu seu primeiro número em 1992. Os Cadernos Pagu, por sua vez, iniciaram sua circulação no ano seguinte. O período investigado compreende a primeira década dos anos 2000, mais especificamente, as edições publicadas pelos periódicos entre 2001 e 2009, e disponibilizadas na internet⁶.

Nosso objetivo principal é verificar se há um número significativo de trabalhos realizados a partir da intersecção entre relações de gênero e mídia, e quais são as temáticas mais recorrentes. Ademais, outros propósitos compõem nosso interesse com este trabalho: a) conhecer a origem dos pesquisadores que relacionam gênero e mídia, seja no que se refere às áreas de atuação quanto às regiões das instituições das quais fazem parte; b) verificar quais são os meios de comunicação que mais atraem esses estudiosos; c) saber quais os autores a que mais se recorre; d) examinar qual a significância do número de homens que têm pesquisado essa intersecção.

Para isso, realizamos uma busca por palavras-chave relativas à mídia nas edições incluídas no período de estudo. Com o *corpus* de artigos formado, realizamos uma análise para identificar, entre os trabalhos selecionados, quais poderiam ser classificados como de Comunicação. Foi sobre esse conjunto de textos que focamos nosso estudo.

Nosso levantamento incluiu 42 edições, entre Revista Estudos Feministas e Cadernos Pagu, com um total de 560 artigos. Encontramos 44 artigos com as palavras-chaves pesquisadas. Por fim, após serem classificados como trabalhos de Comunicação, nossa análise recaiu sobre 27 artigos (nacionais).

2. A problemática da Comunicação nas publicações de gênero

Para a realização deste trabalho, foram analisados os periódicos Revista Estudos Feministas e Cadernos Pagu, uma vez que são as mais antigas publicações feministas em circulação no Brasil, bem como por terem criado uma sólida tradição de pesquisa sobre mulher e gênero (GROSSI, 2004). Ademais, desse modo, podemos verificar de que forma a articulação entre mídia e gênero está sendo apresentada nas publicações especializadas na temática feminista. Foi escolhido o período entre 2001 a 2009 porque a) a partir de 2001 ambas as publicações passaram a ser disponibilizadas online; b) permite retratar o momento atual da questão estudada.

⁶ Site da Revista Estudos Feministas: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=0104-026x&script=sci_serial . Site dos Cadernos Pagu: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=0104-8333&lng=pt&nrm=iso .



Após o *download* dos exemplares do período, realizamos uma triagem separando todos os artigos das edições⁷. Posteriormente, foi realizada a leitura dos resumos e a identificação das palavras-chave com referências à comunicação. As palavras-chave buscadas nos resumos foram: comunicação, mídia (midiático), televisão (TV), cinema, revista, jornal (jornalismo, jornalístico), audiovisual, internet (web), rádio (radiofônico), entretenimento, informação, publicidade (publicitário). Após essa primeira seleção a partir dos resumos, os artigos foram lidos na íntegra e analisados a fim de identificarmos quais trabalhos destacavam a mídia como tema ou objeto de estudo.

Para a análise, os artigos foram tabelados de forma a destacar a área de atuação dos autores dos textos, o tema do trabalho, o meio de comunicação estudada, as palavras-chave destacadas, os principais autores citados, a metodologia utilizada e os resultados obtidos. Por fim, foram estabelecidos critérios para a seleção dos artigos como incluídos na problemática da Comunicação, quais sejam: autor da área da Comunicação; uso de teorias vinculadas ao campo da Comunicação; destacada importância a um meio de comunicação. Os trabalhos deveriam apresentar ao menos uma dessas características para serem classificados como com ênfase na *Comunicação*.

Além disso, para os resultados que seguem, agrupamos os textos em categorias a fim de facilitar as aproximações entre as duas publicações. São elas: publicidade, corpo e sexualidade, telenovela, questões de saúde, violência contra a mulher, memórias coletivas sobre a mulher, masculinidade e política.

2.1. Revista Estudos Feministas

A Revista Estudos Feministas (REF), sediada no Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, é um periódico interdisciplinar, de circulação nacional e internacional, que tem como objetivo divulgar a produção de conhecimento no campo dos estudos feministas e de gênero. Publicada desde 1992, a REF trazia, até 2004, duas edições anuais, com uma média de dez artigos cada. Em 2004, passou a ter três edições anuais. Dessa forma, foram analisadas 24 edições da

⁷ A Revista Estudos Feministas apresenta as seguintes seções: editorial, artigos, ponto de vista, artigos temáticos e resenhas. Desses, fizemos usos dos textos apresentados em “artigos” e “artigos temáticos”, por se estruturarem propriamente como artigos. A revista *Cadernos Pagu* é composta por: apresentação, dossiê, artigos e resenhas. Pelo mesmo motivo, focamos o estudo nos textos de “dossiê” e “artigos”. Assim, foram desconsiderados comentários, resenhas, entrevistas e apresentações de todas as edições de ambos os periódicos.

revista, compondo um total de 355 artigos. Desse total, apenas 17 trabalhos problematizaram a Comunicação Social e os meios de comunicação de massa⁸.

A maioria dos artigos classificados como de Comunicação foram escritos por profissionais de outras áreas⁹, como Ciências Sociais (7) e Educação (4). Apenas três textos foram produzidos por estudiosos atuantes na área da Comunicação. O primeiro deles, *O corpo feminino como objeto médico e “mediático”* (NATANSOHN, 2005), discute como a menstruação é representada na mídia em programas com presença de profissionais de saúde. Em *O negro na dramaturgia, um caso exemplar da decadência do mito da democracia racial brasileira*, Araújo (2008) estuda a representação dos atores e das atrizes negras na telenovela e no cinema em 50 anos. Com enfoque nas novas tecnologias, *Os wannabees e suas tribos: adolescência e distinção na Internet* (PEREIRA, 2007) pretende entender de que forma a adolescência constrói sua identidade a partir de processos de distinção e controle social na internet. A internet também foi tema do único artigo internacional em comunicação (ABDEL-MONEIM, 2002), com foco no crescimento da resistência virtual de grupos sociais no ciberespaço, sugerindo novas leituras dos movimentos sociais na era digital a partir do exemplo da rebelião de Chiapas.

A publicidade é um dos objetos preferidos para ser estudado em conjunto com as questões de gênero na REF. Quatro trabalhos focam as representações de gênero e sexualidade na publicidade: *Pedagogia cultural, gênero e sexualidade* (SABAT, 2001); *Mídia e educação da mulher: uma discussão teórica sobre modos de enunciar o feminino na TV* (FISCHER, 2001); *“Mulher sem-vergonha” e “Traidor responsável”:* *problematizando representações de gênero em anúncios televisivos oficiais de prevenção ao HIV/AIDS* (MEYER et al., 2004); e *Corpo e identidade na propaganda* (BELELI, 2007). Nesses artigos, a publicidade chama os consumidores à identificação com lugares sociais (pré)fixados, reificando ou desestabilizando noções de gênero e sexualidade.

A telenovela foi foco em quatro artigos: *Consumidoras e heroínas: gênero na telenovela* (ALMEIDA, 2007); *A expansão do “feminino” no espaço público*

⁸ Embora tenham apresentado as palavras-chave buscadas, outros quatro textos utilizaram os meios de comunicação como parte do objeto de análise, sem, contudo, problematizar a Comunicação. Nos textos de Citeli (2001) e Amorim (2008), revistas impressas e jornais foram utilizados como objeto de consulta histórica para analisar a representação do corpo da mulher. Nos textos de Maluf (2002) e Schmidt (2009), o cinema é utilizado para discutir a questão dos transgêneros e do corpo feminino, respectivamente.

⁹ Como opção metodológica, as áreas dos autores foram definidas por atuação (não por formação). Para isso, realizamos uma busca paralela na *Plataforma Lattes*, visto que a maioria dos trabalhos não apresentava essa informação sobre os autores.



brasileiro: novelas de televisão nas décadas de 1970 e 80 (HAMBURGER, 2007); *Mídia e a figura do anormal na mira do sinóptico: a constituição discursiva de subjetividades femininas* (SILVA; MOURA, 2008); e *O negro na dramaturgia, um caso exemplar da decadência do mito da democracia racial brasileira* (ARAÚJO, 2008), inserido entre os trabalhos produzidos por autores da Comunicação. Almeida (2007) apresenta as correlações entre telenovela, consumo e gênero, por meio de um estudo etnográfico de recepção de novelas, com o objetivo de compreender como a mídia está articulada à promoção da cultura do consumo. Hamburger (2007) busca nas telenovelas dos anos 1970 e 1980 as relações entre meios de comunicação de massa e representações das relações de gênero. Diferentemente dos dois primeiros artigos, o que Silva; Moura (2008) analisam não é o discurso que compõe a trama da telenovela, mas um depoimento-confissão selecionado de *Páginas da Vida*. Nesse trabalho, são discutidas as noções de masturbação, anomalia e práticas de confissão, associadas a investigações voltadas para as subjetividades femininas veiculadas pela mídia.

Questões de saúde também são discutidas nos trabalhos que articulam mídia e feminismo. O artigo *Aparição do Viagra na cena pública brasileira: discursos sobre corpo, gênero e sexualidade na mídia* (BRIGEIRO; MAKSUD, 2009) analisa, em jornais de grande circulação, quais são os discursos sobre a sexualidade na sociedade brasileira, com base no surgimento do Viagra na esfera pública nacional. Também examinando o discurso jornalístico sobre saúde, *Fetos anencefálicos e embriões para pesquisa: sujeitos de direitos?* (LUNA, 2009) discute as notícias publicadas entre os anos de 2000 a 2005 sobre a fertilização *in vitro* e os fetos anencefálicos a partir dos debates para a aprovação da Lei de Biossegurança. Ainda inserida nas questões de saúde, *O corpo feminino como objeto médico e “mediático”* (NATANSOHN, 2005) foi anteriormente citado por ser um dos três trabalhos escritos por um autor da Comunicação.

Dois textos abordam o modo como a violência contra a mulher é apresentada na mídia. No caso de *Guerra de imagens e imagens da guerra: estupro e sacrifício na Guerra do Iraque*, Rial (2007) estuda a representação da violência na mídia e, mais especificamente, a falta dessas representações, como no caso dos estupros na Guerra do Iraque. Já Pereira (2009), em *Violência e tecnologias de gênero: tempo e espaço nos jornais*, discute se os discursos jornalísticos que descrevem a violência não seriam eles próprios violentos.



Masculinidade e política estão entre os temas minoritários. Versa-se sobre a masculinidade no trabalho de Ribeiro; Siqueira (2007), *O novo homem na mídia: ressignificações por homens docentes*, destacando o “novo homem” retratado na mídia. A política também foi discutida em apenas um trabalho. O texto *Mulheres candidatas: relações entre gênero, mídia e discurso* (FINAMORE; CARVALHO, 2006) examina o papel da mídia na decisão dos eleitores e a posição destes como intérpretes dessas mensagens midiáticas.

O mote da representação do corpo e da sexualidade na mídia, além de ser abordada nos trabalhos de publicidade, telenovela, saúde e violência contra a mulher, aparece como tema principal no artigo *Corpo e gênero: uma análise da revista ‘TRIP Para Mulher’* (MATOS; LOPES, 2008). As autoras avaliam como uma revista feminina, que se assume como diferente do que existe no mercado das revistas femininas, representa o corpo da mulher.

2.2. Cadernos Pagu

Cadernos Pagu é uma publicação semestral do Núcleo de Estudos de Gênero da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), um centro interdisciplinar de pesquisa voltado para a produção e disseminação do conhecimento em torno da problemática de gênero. Publicado desde 1993, é um dos principais periódicos brasileiros centrados na questão de gênero. Para este trabalho, são consideradas as publicações digitais disponibilizadas entre 2001 e 2009, totalizando 18 edições¹⁰ e 205 textos, com uma média de 12 trabalhos por edição.

Após a realização da busca por palavras-chave, 23 artigos foram destacados. Desses, selecionamos apenas dez para a classificação proposta como Comunicação; sete foram desconsiderados da análise por serem textos produzidos fora do Brasil; e seis, embora apresentassem no resumo as palavras-chave buscadas e possuísem alguma referência à área, não eram textos de Comunicação, uma vez que a comunicação ou os meios de comunicação apareceram apenas como parte da metodologia, ou seja, não se enquadraram nos critérios apresentados anteriormente¹¹.

¹⁰ A publicação é semestral, porém, em 2001, houve apenas uma edição (n. 16). Por isso, no primeiro semestre de 2002, duas edições – 17 e 18 – foram publicadas em um mesmo exemplar.

¹¹ Os artigos desconsiderados foram: *Fotografia e fetiche: um olhar sobre a imagem da mulher* (BOTTI, 2003); *Gênero e parentesco: família gays e lésbicas no Brasil* (GROSSI, 2003); *Dignidade, celibato e bom comportamento: relatos sobre a profissão de modelo e manequim no Brasil dos anos 1960* (BONADIO, 2004); *Frentenegrinas: notas de um capítulo da participação feminina na história da luta anti-racista no Brasil* (DOMINGUES, 2007); *Macho versus Macho: um olhar antropológico sobre práticas homoeróticas entre homens em São Paulo* (BRAZ, 2007); e *“A vida como ela é...”: imagens do casamento e do amor em Nelson Rodrigues* (ZECHLINSKI, 2007).



Destacamos, primeiramente, três artigos que tratam do tema corpo e sexualidade, no cinema e em revistas: *Os festivais GLBT de cinema e as mudanças estético-políticas na constituição da subjetividade* (BESSA, 2007); *O masculino e o feminino nas narrativas da cultura de massas ou o deslocamento do olhar* (MIRA, 2003); e *Corpo e masculinidade na revista VIP Exame* (MONTEIRO, 2001). São trabalhos com abordagens diferentes, mas que se aproximam pela temática. Bessa (2007) foca as transformações das identidades sexuais do movimento GLBT, configurando uma nova cinematografia denominada, no início dos anos 1990, como *queer movie*; Mira (2003) trata do surgimento de uma “nova masculinidade” nas relações de gênero; e por último, a relação da masculinidade com a preocupação contemporânea com o corpo é discutida por Monteiro (2001).

A publicidade e a propaganda aparecem como tema relacionado à mídia e às representações em três casos. O artigo *O velho na propaganda* (DEBERT, 2003) trata das imagens de mulheres e homens idosos na publicidade, fazendo uso de entrevistas com criadores de propagandas e ativistas da questão da velhice, e de uma dinâmica de grupo com idosos. Já em *Mulher e família no Programa Bolsa-Escola: maternidades veiculadas e instituídas pelos anúncios televisivos* (KLEIN, 2007), há a problematização dos processos de produção e veiculação de representações da maternidade nos anúncios televisivos do programa social do governo federal. Almeida (2002), em *Melodrama comercial – reflexões sobre a feminilização da telenovela*, faz um estudo em que relaciona publicidade e telenovela. A partir da observação de anúncios publicitários direcionados às mulheres, a pesquisadora demonstra que há um grande interesse comercial na produção simbólica do feminino, bem como do público para com o produto telenovela.

Há também a utilização de periódicos ou revistas antigas para estudar aspectos da memória coletiva sobre o ser mulher. Em *O sexo feminino em campanha pela emancipação da mulher*, Nascimento; Oliveira (2007) estudam o semanário *O sexo feminino*, de 1983, para entender o papel da mulher nas questões políticas, culturais e educacionais do século XIX. Já o artigo *Narrativas de leitoras da revista Capricho: memória e subjetividade (1950 a 1960)* (MIGUEL; PEDRO, 2009), traz como *corpus* a revista *Capricho* da metade do século XX como “lugar da memória” e constituição da subjetividade através das publicidades da época.

Os outros dois artigos do *corpus* enquadram-se nas temáticas saúde e violência. O antagonismo entre os gêneros é tratado por autoras da Medicina em *A ciência na*



mídia e as estratégias de reafirmação da bipolaridade entre os gêneros: o caso do Globo Repórter (RIBEIRO; ROHDEN, 2009). Por último, Landini (2006) faz um resgate do que foi publicado sobre violência sexual contra crianças e adolescentes por um jornal de grande circulação em São Paulo.

2.3. Considerações sobre as publicações

Em ambas as revistas, mesmo com uma edição especial sobre a mídia¹² em cada uma delas, são poucos os artigos que versam sobre a problemática da Comunicação e, mais escassos ainda, os trabalhos escritos por pesquisadores da área. Dos 17 artigos sobre mídia na REF, apenas três são de estudiosos da Comunicação Social. Nos Cadernos Pagu, dos dez trabalhos nacionais que abordam a temática, nenhum deles foi escrito por profissionais da área. Predominam autores das Ciências Sociais¹³ (12) e Educação (6). Na edição *Olhares alternativos*, de 2003, dos Cadernos Pagu, embora o dossiê proposto seja justamente a mídia, nem mesmo nessa edição, participam pesquisadores brasileiros da Comunicação. Nesse dossiê, apenas um trabalho é produzido por autora da Comunicação, oriunda, contudo, de Portugal.

É interessante destacar que a REF foi publicada, em seus primeiros sete anos, a partir da Escola de Comunicação da UFRJ, sob direção de Heloísa Buarque de Hollanda, pesquisadora da Comunicação. Entretanto, sua participação na revista não representou significativa influência para que a Comunicação ganhasse espaço na publicação. Esse dado nos permite inferir que antes de um “preconceito” com a área, o que há é, de fato, pequena produção de pesquisas com essa articulação, como já nos mostrava os estudos de Escosteguy (1998; 2001; 2002), Jacks; Menezes; Piedras (2008), Meirelles (2009) e Sifuentes (2010).

Em 1999, a REF passou a ser publicada pelo Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFSC, com o apoio do Centro de Comunicação e Expressão, que abriga os cursos de Jornalismo, Letras, Design, Cinema e Artes Cênicas. Essa parceria foi importante no processo de “como fazer” uma revista (GROSSI, 2004). Entretanto, mesmo tendo o envolvimento de profissionais da Comunicação na confecção do periódico, o número de artigos envolvendo gênero e Comunicação permaneceu pouco significativo.

¹² Um *Dossiê Mídia* foi publicado nos Cadernos Pagu, em 2003 (n. 21), e na REF, em 2007 (v. 15, n. 1). Na apresentação do dossiê apresentado nos Cadernos Pagu, as editoras justificam a relevância de um número dedicado ao tema por ser “inegável a importância da mídia na constituição dos sujeitos na sociedade contemporânea” (ALMEIDA; BELELI, 2003, p. 9).

¹³ Antropologia ou Sociologia.



Piscitelli; Beleli; Lopes (2003) apresentam um panorama de 19 edições dos Cadernos Pagu publicadas até 2003, em que alertam para a concentração nas áreas de antropologia (32%), história (23%), sociologia (21%), teoria literária e lingüística (9%), filosofia (4%), educação (3%) e psicologia (2%). As autoras destacam um esforço das comissões editoriais para que haja uma crescente pluralidade no conteúdo das publicações:

Outras áreas disciplinares estão presentes apenas com 1% da produção – biologia, geografia, informática, jornalismo, ciência política, medicina, química. É importante chamar a atenção para essas áreas porque sua presença expressa o esforço da revista por ampliar o leque de abordagens disciplinares presentes na publicação, particularmente a partir do número 15. (PISCITELLI; BELELI; LOPES, 2003, p. 244).

Embora as edições analisadas neste trabalho representem um momento posterior ao apresentado pelas autoras, encontramos resultados semelhantes. Desse modo, podemos destacar que pouco mudou entre as 19 edições dos Cadernos Pagu, analisadas por por Piscitelli; Beleli; Lopes (2003), e as últimas 18, aqui investigadas. Se, em 2003, as pesquisadoras destacavam que menos de 1% dos estudos publicados na revista eram oriundas da disciplina Comunicação – representada pelo Jornalismo –, hoje, não encontramos, nos Cadernos Pagu, nenhuma produção de autoria de um pesquisador da Comunicação¹⁴.

Outra minoria nas publicações são os homens. Considerando as duas publicações, REF e Cadernos Pagu, apenas seis, dos 41 autores dos textos analisados aqui, são homens. Entre esses, três¹⁵ apresentaram artigos individuais, os outros três¹⁶ assinam em parceria com mulheres. Ainda sobre os autores que discutem a Comunicação, são majoritárias as publicações das regiões sudeste do Brasil. Na REF, dez artigos são de pesquisadores do sudeste; quatro, do sul; dois, do nordeste; e um, do centro-oeste. Nos Cadernos Pagu, oito textos são de instituições do sudeste; e dois, da região sul, não estando as demais regiões representadas por artigos acerca da Comunicação.

Alguns autores são citados em quase todos os artigos, são eles: Donna Haraway, Stuart Hall, Renato Ortiz, Pierre Bourdieu, Michel Foucault, Arjun Appadurai, Jean Baudrillard, Roberto da Matta, Clifford Geertz, Zygmunt Bauman e Anthony Giddens.

¹⁴ Considerando apenas os autores brasileiros, visto que nossa preocupação é com a produção nacional que articula mídia e feminismo.

¹⁵ Joel Zito Araújo, Pedro Paulo Gomes Pereira e Marko Monteiro.

¹⁶ Mauro Brigeiro, João Eduardo Coin de Carvalho e Bernardo J. Oliveira.



Esses dados, contudo, remetem-nos a uma discussão acerca da maturidade acadêmica da disciplina da Comunicação, para a qual autores de outros campos têm grande importância para o embasamento teórico. Esses autores acima relacionados estão presentes nas pesquisas da área relacionadas aos mais diversos objetos, e nenhum deles pode ser considerado um estudioso da Comunicação.

Dos meios de comunicação focados nos artigos, há uma preferência por televisão e revistas impressas, seguidas do jornal impresso. A internet ainda é um meio pouco explorado nos estudos presentes no *corpus*.

Por fim, destaca-se a preocupação com a forma como a mídia representa a mulher, principalmente em relação ao seu corpo e sexualidade. Pode-se dizer que as relações entre corpo, sexualidade e gênero permeiam todos os artigos que problematizam a Comunicação nas publicações pesquisadas. A mídia se apresenta nesses artigos como um meio de construção, desconstrução e reconstrução das noções de gênero, corpo e sexualidade.

4. À guisa de conclusão

Segundo Grossi (2004), ainda carecemos, de modo geral, de publicações sobre o feminismo contemporâneo, o que pode ser relacionado ao fato da temática feminista ser relativamente recente no Brasil. Pode-se tomar como marco dos estudos feministas brasileiros o ano de 1967, com a defesa da tese de livre docência de Heleieth Saffioti, na USP. Na época, devido ao contexto de ditadura militar por que passava o país, os estudos feministas apresentavam preocupações particulares, como a luta de classes e o combate à ditadura, além do interesse em conhecer a situação da mulher brasileira. Devido a esse contexto social e cultural, o campo se desenvolveu a partir das esferas política e econômica, sendo secundárias as questões culturais. A comunicação e a cultura passaram a ser preocupações dos estudos feministas num momento posterior. Isso justificaria, em parte, a pouca quantidade de estudos feministas em conjunto com a comunicação.

Por outro lado, a centralidade da mídia na sociedade brasileiro, no mínimo nas últimas duas décadas, exige uma urgência no desenvolvimento dos estudos que articulem feminismo e os meios de comunicação de massa. De tal modo, é preocupante que tão pouco se pense a respeito, seja a partir dos pesquisadores oriundos da Comunicação quanto dos de outras áreas de conhecimento.



Os discursos sobre o feminino e o masculino apresentados na mídia são estabelecidos de forma invisível e não se mostram propriamente como imposições, mas como algo agradável, que serve a alguns interesses femininos, conquistando, assim, a cumplicidade das mulheres para sua própria subordinação (BOURDIEU, 2007). Os meios de comunicação social têm papel importante na construção das identidades femininas, pois difundem representações que servem como parâmetros às receptoras, seja por sua identificação ou pelas comparações com as realidades contrastantes (CHARLES, 1996).

Por fim, nosso levantamento concluiu que os trabalhos de Comunicação (nacionais) somam 27 artigos no período de 2001 a 2009 nas publicações *Cadernos Pagu* e *Revista Estudos Feminista*. Esse número significa que apenas 4,8% dos trabalhos estão centrados na temática da mídia. Embora não seja um valor alto, mostra-se superior aos números encontrados nas pesquisas de Comunicação acerca da problemática feminista, que representa 2,1% das teses e dissertações defendidas nos Programas de Pós-Graduação em Comunicação entre os anos de 2000 e 2002. O mais preocupante é que os pesquisadores do campo não são responsáveis por mais do que 11% dos estudos de nosso *corpus*.

Assim, consideramos que há ainda um longo caminho a ser percorrido pelos estudos que articulam gênero e mídia no Brasil, especialmente pelos pesquisadores que atuam na Comunicação. O que já havia sido comprovado com um olhar “de dentro da Comunicação”, pôde ser comprovado com este estudo que buscou compreender a Comunicação a partir de um olhar externo. Fica claro que, assim como as pesquisas publicadas dentro da Comunicação têm abordado a temática das relações de gênero de forma insuficiente, as pesquisas que circulam nas principais revistas feministas do Brasil pouco têm abordado a mídia.



Referências bibliográficas

- ABDEL-MONEIN, Sarah Grussing. O Ciborgue Zapatista: tecendo a poética virtual de resistência no Chiapas cibernético. **Rev. Estud. Fem.** [online], Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 39-64, 2002.
- ALMEIDA, Heloisa Buarque de. Melodrama comercial – reflexões sobre a feminilização da telenovela. **Cad. Pagu** [online], Campinas, n. 19, p. 171-194, 2002.
- _____. Consumidoras e heroínas: gênero na telenovela. **Rev. Estud. Fem.** [online], Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 177-192, 2007.
- ALMEIDA, Heloisa Buarque de; BELELI, Iara. Apresentação do dossiê mídia. **Cad. Pagu** [online], Campinas, n. 21, p. 9-12, 2003.
- AMORIM, Suely Teresinha Schmidt Passos de. Aleitamento materno ou artificial: práticas ao sabor do contexto. Brasil (1960-1988). **Rev. Estud. Fem.** [online], Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 581-598, 2008.
- ARAÚJO, Joel Zito. O negro na dramaturgia, um caso exemplar da decadência do mito da democracia racial brasileira. **Rev. Estud. Fem.** [online], Florianópolis, v. 16, n. 3, p. 979-985, 2008.
- BELELI, Iara. Corpo e identidade na Propaganda. **Rev. Estud. Fem.** [online], Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 193-215, 2007.
- BESSA, Karla. Os festivais GLBT de cinema e as mudanças estético-políticas na constituição da subjetividade. **Cad. Pagu** [online], Campinas, n. 28, p. 257-283, 2007.
- BONADIO, Maria Claudia. Dignidade, celibato e bom comportamento: relatos sobre a profissão de modelo e manequim no Brasil dos anos 1960. **Cad. Pagu** [online], Campinas, n. 22, p. 47-81, 2004.
- BOTTI, Mariana Meloni Vieira. Fotografia e fetiche: um olhar sobre a imagem da mulher. **Cad. Pagu** [online], Campinas, n. 21, p. 103-131, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- BRAZ, Camilo Albuquerque de. Macho *versus* Macho: um olhar antropológico sobre práticas homoeróticas entre homens em São Paulo. **Cad. Pagu** [online], Campinas, n. 28, p. 175-206, 2007.
- BRIGEIRO, Mauro; MAKSUD, Ivia. Aparição do Viagra na cena pública brasileira: discursos sobre corpo, gênero e sexualidade na mídia. **Rev. Estud. Fem.** [online], Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 71-88, 2009.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- CHARLES, Mercedes. El espejo de Venus: Una mirada a la investigación sobre mujeres y medios de comunicación. **Signo y pensamiento**, n. 28, p. 37-50, 1996.
- CITELI, Maria Teresa. Fazendo diferenças: teorias sobre gênero, corpo e comportamento. **Rev. Estud. Fem.** [online], Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 131-145, 2001.
- DEBERT, Guita Grin. O velho na propaganda. **Cad. Pagu** [online], Campinas, n. 21, p. 133-155, 2003.
- DOMINGUES, Petrônio. *Frentenegrinas*: notas de um capítulo da participação feminina na história da luta anti-racista no Brasil. **Cad. Pagu** [online], Campinas, n. 28, p. 375-374, 2007.



ESCOSTEGUY, Ana Carolina. A contribuição do olhar feminista. **Revista InTexto**, Porto Alegre, n. 3, 1998.

_____. Os estudos de recepção e as relações de gênero: algumas anotações provisórias. **Ciberlegenda**, Rio de Janeiro, v. 7, 2002.

_____. (Org.). **Comunicação e gênero: a aventura da pesquisa** [recurso eletrônico]. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

FINAMORE, Claudia Maria; CARVALHO, João Eduardo Coin de. Mulheres candidatas: relações entre gênero, mídia e discurso. **Rev. Estud. Fem.** [online], Florianópolis, v. 14, n. 2, p. 347-362, 2006.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia E Educação Da Mulher: Uma discussão teórica sobre modos de enunciar o feminino na TV. **Rev. Estud. Fem.** [online], Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 586-599, 2001.

FRANCHETTO, Bruna; CAVALCANTI, Maria Laura; HEILBORN, Maria Luiza. Antropologia e feminismo. In: FRANCHETTO, Bruna *et al.* (Org.) **Perspectivas antropológicas da mulher**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

GROSSI, Miriam Pillar. Gênero e parentesco: famílias gays e lésbicas no Brasil. **Cad. Pagu** [online], Campinas, n. 21, p. 261-280, 2003.

_____. A Revista Estudos Feministas Faz 10 Anos. Uma breve história do feminismo no Brasil. **Rev. Estud. Fem.** [online], Florianópolis, v. 12, n. 3, p. 211-221, 2004.

HAMBURGER, Esther Império. A expansão do “feminino” no espaço público brasileiro: novelas de televisão nas décadas de 1970 e 80. **Rev. Estud. Fem.** [online], Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 153-175, 2007.

JACKS, N. A.; MENEZES, Daiane; PIEDRAS, Elisa. **Meios e Audiências**. A emergência dos estudos de recepção no Brasil. Porto Alegre: Editora Sulina, 2008.

KLEIN, Carin. Mulher e família no programa Bolsa-escola. **Cad. Pagu** [online], Campinas, n. 29, p. 339-364, 2007.

LANDINI, Tatiana Savoia. Violência sexual contra crianças na mídia impressa: gênero e geração. **Cad. Pagu** [online], Campinas, n. 26, p. 225-252, 2006.

LUNA, Naara. Fetos anencefálicos e embriões para pesquisa: sujeitos de direitos? **Rev. Estud. Fem.** [online], Florianópolis, v. 17, n. 2, p.307-333, 2009.

MALUF, Sônia Weidner. Corporalidade e desejo: tudo sobre minha mãe e o gênero na margem. **Rev. Estud. Fem.** [online], Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 143-153, 2002.

MATOS, Auxiliadôra Aparecida de; LOPES, Maria de Fátima. Corpo e gênero: uma análise da revista *TRIP Para Mulher*. **Rev. Estud. Fem.** [online], Florianópolis, v. 16, n. 1, p. 61-76, 2008.

MEIRELLES, Clara Fernandes. **Prazer e resistência**: A legitimação do melodrama nos contextos acadêmicos. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.

MEYER, Dagmar Estermann; SANTOS, Luis Henrique Sacchi dos; OLIVEIRA, Dora Lúcia de; WILHELMS, Daniela Montano. ‘Mulher Sem-Vergonha’ e ‘Traidor Responsável’: problematizando representações de gênero em anúncios televisivos oficiais de prevenção ao HIV/AIDS. **Rev. Estud. Fem.** [online], Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 51-76, 2004.



- MIGUEL, Raquel de Barros Pinto; PEDRO, Joana Maria. Narrativas de leitoras da revista *Capricho*: memória e subjetividade (1950 a 1960). **Cad. Pagu** [online], Campinas, n. 33, p. 253-264, 2009.
- MIRA, Maria Celeste. O masculino e o feminino nas narrativas da cultura de massas ou o deslocamento do olhar. **Cad. Pagu** [online], Campinas, n. 21, p. 13-38, 2003.
- MONTEIRO, Marko. Corpo e masculinidade na revista VIP Exame. **Cad. Pagu** [online], Campinas, n. 16, p. 235-266, 2001.
- NASCIMENTO, Cecília Vieira do; OLIVEIRA, Bernardo J. O Sexo Feminino em campanha pela emancipação da mulher. **Cad. Pagu** [online], Campinas, n. 29, p. 429-457, 2007.
- NATANSOHN, L. Graciela. O corpo feminino como objeto médico e “mediático”. **Rev. Estud. Fem.** [online], Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 287-304, 2005.
- PEREIRA, Cláudia da Silva. Os *wannabees* e suas tribos: adolescência e distinção na Internet. **Rev. Estud. Fem.** [online], Florianópolis, v. 15, n. 2, p.357-382, 2007.
- PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Violência e tecnologias de gênero: tempo e espaço nos jornais. **Rev. Estud. Fem.** [online], Florianópolis, v. 17, n. 2, p.485-505, 2009.
- PISCITELLI, Adriana; BELELI, Iara; LOPES, Maria M. Cadernos Pagu: contribuindo para a consolidação de um campo de estudos. **Rev. Estud. Fem.** [online], Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 242-246, 2003.
- RIAL, Carmen. Guerra de imagens e imagens da guerra: estupro e sacrifício na Guerra do Iraque. **Rev. Estud. Fem.** [online], Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 131-151, 2007.
- RIBEIRO, Cláudia Regina; ROHDEN, Fabíola. A ciência na mídia e as estratégias de reafirmação da bipolaridade entre os gêneros: o caso do Globo Repórter. **Cad. Pagu** [online], Campinas, n. 32, p. 267-299, 2009.
- RIBEIRO, Cláudia Regina; SIQUEIRA, Vera Helena Ferraz de. O novo homem na mídia: ressignificações por homens docentes. **Rev. Estud. Fem.** [online], Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 217-241, 2007.
- SABAT, Ruth. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. **Rev. Estud. Fem.** [online], Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 131-145, p. 9-21, 2001.
- SCHMIDT, Simone Pereira. Cravo, canela, bala e favela. **Rev. Estud. Fem.** [online], Florianópolis, v. 17, n. 3, p.799-817, 2009.
- SIFUENTES, Lírian. **Telenovela e a identidade feminina de jovens de classe popular**. Dissertação (Mestrado em Comunicação Midiática). Santa Maria-RS: Universidade Federal de Santa Maria, 2010.
- SILVA, Marluce Pereira; MOURA, Carmen Brunelli de. Mídia e a figura do anormal na mira do sinóptico: a constituição discursiva de subjetividades femininas. **Rev. Estud. Fem.** [online], Florianópolis, v. 16, n. 3, p. 841-855, 2008.
- ZECHLINSKI, Beatriz Polidori. “A vida como ela é...”: imagens do casamento e do amor em Nelson Rodrigues. **Cad. Pagu** [online], Campinas, n. 29, p. 399-428, 2007.